

UM EXTRATO DAS MEMÓRIAS DE LIDDELL HART

Pelo Cel do Exército Norte-Americano
T. N. DUPUY (*)

Tradução do Ten-Cel Art (QEME)
HUGO SUCUPIRA

Tudo parece indicar que, nos dias que correm, um maior número de civis, em comparação com os militares, vem escrevendo sobre assuntos militares e tem publicado trabalhos tão sérios que, na verdade, merecem a atenção dos soldados profissionais, principalmente. Este é um fenómeno característico dos últimos quarenta e poucos anos, já que o evento de duas grandes guerras propiciou o aparecimento de três gerações distintas desses escritores civis: pré-guerra de 14/18, período intermediário (aproximadamente entre 1919 e 1939) e pós-guerra 1939/45.

É interessante notar que Winston Churchill, seja como historiador militar seja como um líder civil que tenha contribuído, com seu espírito imaginativo e renovador, para o estabelecimento de novos conceitos e técnicas militares, deve ser considerado como membro daquelas três gerações. Em vista de sua aparência, até certo ponto, imperialista e de sua orientação política conservadora, Winston Churchill foi, por seu individualismo, um representante tanto do último como do primeiro grupo de escritores civis. Em suas obras, assim como no papel que desempenhou como líder político inglês, durante e depois da 2ª Guerra Mundial, personifica a civilização guerreira e de pensamento belicoso, nos dias que correm.

A influência exercida por escritores civis, como Churchill, sobre o pensamento militar, tem sido essencialmente evidenciada na solução de problemas estratégicos de defesa, onde, pela sua magnitude sem precedentes, o método das tentativas seria, verdadeiramente catastrófico. Tal influência tem sido, de fato, relegada a segundo plano, face à preocupação geral com os problemas existentes. Pelo menos em parte, isto tem sido consequência da crescente complexidade do conflito entre as grandes nações e a mudança do centro de gravidade dos aspectos econômicos e políticos da guerra. Não terá sido Bismarck quem, per-

(*) N.T. — O Cel T. N. Dupuy, da Reserva do Exército dos Estados Unidos, combinou o talento e a cultura de um soldado profissional e de um historiador na organização do Escritório de Estudos e Pesquisas Históricas (Historical Evaluation and Research Organization — HERO) do qual tornou-se presidente. Sob a sua direção, o pessoal daquele Escritório e outros consultores têm realizado pesquisas históricas para certos órgãos do Governo Norte-Americano e para Organização de Pesquisas e Desenvolvimento.

cebendo o início dessa influência civil no campo da guerra, predisse “que a nação cuja economia possa melhor contrabalançar os erros de seus Generais será a vitoriosa?”

Quando examinamos a carreira política de Churchill, é fácil esquecermos o seu papel como pensador civil e escritor sobre assuntos militares. Ainda assim, foi ele o historiador e o analista que, no aceso das operações da 1ª Guerra Mundial levou o pensamento britânico a tentar fazer face aos problemas da guerra de trincheiras, um esforço que fez com que seja ele mais responsável do que qualquer outro homem no aperfeiçoamento dos modernos carros de combate. Foi ele o cuidadoso e minucioso historiador militar que, primeiro, reviu e analisou as perdas de ambos os lados que se confrontavam na Frente Ocidental; avaliação tão detalhada que ainda hoje tem validade. Foi ele o primeiro a concluir sobre as implicações do rearmamento da Alemanha de Hitler, seja qualitativa ou quantitativamente. Seu foi o gênio imaginativo e criador que concebeu os postos artificiais que contribuíram tão decisivamente para o sucesso da invasão da Normândia. Foi ele também a primeira personalidade importante a comentar publicamente — e com a responsabilidade de seu cargo — sobre o significado e a correlação entre os dois maiores eventos militares de nossos tempos: os armamentos nucleares e a guerra fria.

Detive-me por um momento nessa análise acadêmica sobre aspectos militares da vida de Winston Churchill, o grande líder político civil, por duas razões. Primeiro, porque temos uma tendência a encará-lo como o homem que brincou de “esconde-esconde” com os Boers, e de “polícia-ladrão” nas ruas de Londres, que pro-reduziu rápida e despreocupadamente sobre Antuérpia, à frente de uma brigada naval, em setembro de 1914, que, dramaticamente, tentou manter Eduardo VIII no trono, durante o período crítico e pré-abdicação e que manteve a Inglaterra unida com palavras como “sangue e trabalho árduo”, lágrimas e suor”. Segundo, porque a sua imagem apareceu distorcida em certas Memórias, recentemente, publicadas e porque seu autor, seja como civil de renome ou como simples cidadão, tem exercido, possivelmente, maior influência do que qualquer outro escritor, nos assuntos militares de uma nação e de uma época, com exceção de Churchill.

As Memórias de Sir Basil Henry Liddell Hart (embora não haja qualquer hífen, seu último nome é Liddell Hart e, não apenas Hart) são aquelas a que me referi como tendo sido, recentemente, publicadas. Liddell Hart foi, talvez, o mais renomado e a seu tempo o mais influente dos escritores da segunda geração de civis que escreveram sobre assuntos militares no período compreendido entre as duas Grandes Guerras. A sua influência e a muitos de seus contemporâneos foi, em grande parte, resultado da reação inglesa contra as baixas em combate, durante a guerra de 14/18, a qual, por seu turno, foi um importante fator na atuação dos militares profissionais, seja como pensadores ou como precursores.

A despeito de outros caracteres que Liddell Hart possa ter nunca foi conhecido por sua modéstia. Suas Memórias não constituem exceção a êsse respeito. Na contracapa do primeiro volume da edição norte-americana de sua obra há quatro citações, selecionadas — alguém já deve ter suspeitado — pelo próprio autor. Assim:

Presidente John F. Kennedy: “nenhum especialista em assuntos militares terá merecido mais o direito a uma respeitosa atenção do que Liddel Hart”.

General Heinz Guderian: ... “o inventor teórico da guerra mecanizada. Fui um de seus discípulos”.

General Lionel Chassin, do Exército Francês: ... “o maior pensador militar do século XX, cujas idéias revolucionaram a arte da guerra”.

Marechal Montgomery: “... o maior historiador militar da Inglaterra de nossos tempos. (Monty, naturalmente não podia concordar com o General Chassin; êle tinha outro candidato).

É mais fácil nos mantermos neutros e eqüidistantes a respeito de Liddell Hart do que a respeito de Montgomery. Há muitos militares na Inglaterra e alguns outros nos Estados Unidos que consideram o aparecimento de Liddell Hart como o maior desastre na história militar da Inglaterra. Há outros, entretanto — a maioria dêles, talvez, esteja nos Estados Unidos — que concordariam, inteiramente, com as observações do General Guderian. No meio dessas corrente opostas estão aquêles que, como é o caso dêste que escreve o presente artigo, reconhecem o brilho nunca desmentido de uma mente voluntariosa, cheia de imaginação e penetrante, mas que demonstra claramente o tom egoístico da infalibilidade com que Liddell Hart apresenta suas opiniões — que se têm demonstrado altamente falíveis — sôbre assuntos militares históricos ou modernos.

Aquêle tom de irritante infalibilidade aparece nas Memórias recentemente publicadas. Se fôssemos acreditar em Liddell Hart, êle seria, direta ou indiretamente, responsável, praticamente, por todos os aperfeiçoamentos militares bem sucedidos e por todos os mais brilhantes feitos d'armas desde 1925 até os nossos dias. Chega êle a admitir ter colocado a idéia do desembarque em Inchon, na cabeça de MacArthur, em consequência de um livro seu, publicado em 1927! É interessante comparar sua opinião padronizada sôbre Churchill — expressa com mais veemência em recente artigo de revista — com as suas críticas, relativamente, amenas a respeito de Lloyd George. Cita Lloyd George quando êste se refere ao “Capitão Lidell Hart... a maior e mais destacada autoridade em assuntos de guerra moderna que me foi dada a oportunidade de conhecer”. Temos a impressão de que as observações, até

certo ponto superficiais de Liddell Hart sobre Winston Churchill (que entendeu a guerra moderna e os soldados muito, muito melhor do que Lloyd George) são uma espécie de vingança, pois que Churchill não concordou com a avaliação feita por Lloyd George a respeito dos méritos de Liddell Hart como uma autoridade em assuntos militares.

Churchill, na verdade, simplesmente ignorou a existência de Liddell Hart em sua magnífica "História da 2ª Guerra Mundial". Embora isso, talvez, não tenha sido feito deliberadamente, pois que Churchill não tinha muita coisa a dizer sobre Mr. Leslie Hore-Belisha (Ministro da Guerra Inglês de 1937 até 1939) e cujo nome é, normalmente, relacionado ao de Liddell Hart, por parte dos mais acirrados críticos desses dois homens.

Foi durante a permanência de Hore-Belisha na chefia do Ministério da Guerra que Liddell Hart exerceu maior influência sobre a política militar, a estratégia e a doutrina do Exército Inglês.

Embora tivesse Liddell Hart o cuidado de procurar encobrir o tipo de relações sub-reptícias que muitos acreditam terem existido entre ele mesmo e Hore-Belisha, as suas Memórias deixam claro que a influência sofrida pelo Ministro da Guerra Inglês foi, verdadeiramente, muito grande e, em parte, dirigida para intrigar a mais alta hierarquia militar da Grã-Bretanha com o Governo. É inegável que esta hierarquia se constituía em um conjunto omisso e digno de pena, assim com o é o fato de que a maioria dos conselhos de Liddell Hart eram não só sábios como também consistentes e equilibrados. Ao mesmo tempo, é igualmente óbvio que ele aproveitava tôdas as oportunidades para ultrapassar as críticas dos militares profissionais e — embora não possuísse responsabilidades oficiais — para obter o apoio do Governo ou, pelo menos, a adoção parcial dos conceitos e doutrinas estratégicas que ele vinha advogando durante os doze ou vinte últimos anos.

Quais eram esses conceitos?

Tal como Liddell Hart conta a história, foi durante aqueles anos em que ele começou a escrever sobre os conceitos operacionais que eram ignorados na Inglaterra mas rapidamente aprovados e adotados na Alemanha que os mesmos foram desvendados a todo o mundo, em 1939-40, como a doutrina de emprêgo da "blitzkrieg". Isto seria simplificar demais e nunca sobrestimar aquilo que Liddell Hart reclama para si mesmo e sua influência nos assuntos e história militares.

A verdade, entretanto, é que a origem do conceito da guerra-relâmpago (blitzkrieg) pode ser encontrada na doutrina tática desenvolvida pelo Exército Alemão em 1917 e 1918, a qual ficou bem perto do sucesso na grande ofensiva da primavera de 1918.

E, na verdade, o insucesso resultante dessas operações ofensivas, as últimas da 1ª Guerra Mundial, serviu para provar aos alemães que, por meio da conceituação formulada pelo seu grupo de batalha e pelas

táticas de Hutier, haviam descoberto a solução tática para a estagnação da guerra de trincheira. Provou também que eles não haviam solucionado os problemas correlatos da mobilidade para a artilharia de apoio e para a logística. Por outro lado, os alemães ficaram impressionados pelo relativo sucesso que os aliados alcançaram no emprêgo de carros de combate. Além do que, tanto os alemães como os aliados já haviam feito experiências, com alguma eficácia, no desenvolvimento de uma conceituação inicial para o apoio aéreo aproximado às forças de terra.

Durante os primeiros anos que se seguiram ao armistício o Estado-Maior do Exército Alemão dedicou-se a examinar os ensinamentos advindos dos bons e maus eventos da 1ª Guerra Mundial, para o estabelecimento de um sistema tático mais aperfeiçoado e mais moderno. No decorrer desses estudos, examinou e ficou muito impressionado por pensamentos, até certo ponto semelhantes, sobre o emprêgo de carros de combate que foram trazidos ao cenário militar por escritores como Charles De Gaulle e, posteriormente, J. F. C. Fuller. Notou-se também, com satisfação, que alguns daqueles pensamentos eram muito equilibrados, sob o ponto de vista doutrinário, no que respeitava ao emprêgo da Infantaria e Carros. Tal era o caso das idéias propostas pelo mais novo discípulo de Fuller, isto é, B. H. Liddell Hart. Não há dúvidas de que o EME Alemão retirou desses conceitos estrangeiros um grande lucro. Não há dúvidas de que, também, os Alemães deram grande importância às operações militares da Guerra Civil Americana — como aliás consta de documentos — e que sua nova conceituação tática foi influenciada por esses últimos estudos. Todavia, fundamentalmente, seja na sua conceituação, seja na sua execução, a “blitzkrieg” foi um produto, clara e tipicamente, “made in Germany”.

Quando passou a comentar sua atenção sobre as “Memórias”, particularmente naqueles assuntos nos quais êle pode ser considerado como um dos profetas a que deve ser dado crédito e honra, Liddell Hart, de alguma forma, esqueceu algumas afirmativas doutrinárias e estratégicas que êle próprio havia defendido, anteriormente. Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, podemos dizer que Liddell Hart gastou a maior parte de seu tempo e de seus esforços, defendendo uma atitude defensiva, seja estratégica ou tática, e nunca estritamente ofensiva o que compõe o espírito e a conceituação da “blitzkrieg”. Sentia êle que uma atitude defensiva era mais importante porque os armamentos modernos tinham, em sua opinião, tornado a defesa ainda muito mais forte do que o ataque, em relação aos acontecimentos da 1ª Grande Guerra.

Desde o fim da 2ª Guerra Mundial, Liddell Hart vem modificando essas idéias defensivas e apresentando-as sob uma outra roupagem, dentro daquilo que êle chama de “método indireto”. Na década dos

trinta passou, todavia, a apoiar uma nova concepção que pode ser melhor qualificada de "recesso direto".

Evidentemente, sendo um discípulo de Fuller, Liddell Hart, sempre foi a favor de forças blindadas altamente móveis. Entretanto, continuou dizendo que a Inglaterra devia ter uma força terrestre desse tipo, bastante pequena e altamente eficiente, porque devia evitar e envolver-se em uma guerra terrestre de grandes proporções.

E tais forças ao serem empregadas em combate, deviam ser mantidas em reserva, atrás das fortificações defensivas da França, em condições de participar apenas, dos contra-ataques, em apoio às tropas do 1º escalão. Essa era a maneira, no entender de Liddell Hart, de se fazer face aos ataques semelhantes àqueles que os alemães lançavam em 1918. E, nunca, nunca, deviam aquelas forças blindadas serem desperdiçadas em operações ofensivas, difíceis e que não levavam a resultados positivos.

Liddell Hart foi, sem dúvida, um profeta sobre a importância da blindagem e por muitos anos suas idéias não foram aceitas ou levadas a sério por aqueles oficiais de tendências tradicionalistas, seja em seu próprio país ou em muitos outros, inclusive na Alemanha. Essa dificuldade em encontrar adeptos tornou-se uma obsessão para ele que acabou se convencendo de que havia uma conspiração dentro das organizações militares do Exército Inglês contra as suas idéias ou contra qualquer coisa que dissesse respeito à mecanização; hoje, procura ele transformar essa conspiração em fatos e atitudes que, na verdade, são despidos, totalmente, de qualquer relação com aquelas suas idéias. Assim, sugere que, em 1941, um de seus melhores amigos, pertencente aos blindados, deixou de ser nomeado Chefe do Estado-Maior Imperial, em virtude de uma generalizada e encoberta "oposição às idéias de emprêgo dos blindados". Em uma carta recente, que o General Archibald Nye remeteu a um jornal inglês, editado por uma instituição das Forças Armadas (*Journal of the Royal United Services Institution*), negou completamente essas afirmações, típicas das idéias preconcebidas de Liddell Hart.

Durante o período decorrido entre as duas guerras, Liddell Hart também teve influência na política militar dos Estados Unidos — influência essa que mais se refletiu na aprovação de verbas, feita pelo Congresso em relação ao Exército. Dentre os seus maiores admiradores norte-americanos encontramos o Deputado Ross Collins (1921-35 e 1937-43), que se opôs com sucesso, aos pedidos do Departamento de Guerra para o aumento de verbas, seja referentes ao Exército Ativo ou a uma expansão de uma mobilização básica. Mr. Collins assim o fez escudado naqueles aspectos que Liddell Hart havia destacado o fato de que não necessitávamos de um exército numeroso.

Mesmo depois que os princípios fundamentais de sua doutrina de emprêgo defensivo das forças blindadas foram convenientemente esma-

gados pela "blitzkrieg" alemã de 1939 sobre a Polônia, Liddell Hart continuou a pressionar o Governo Inglês para que desse publicidade a uma política que evitasse o ataque pelas armas. O bloqueio econômico e as pressões morais deviam ser usados para trazerem uma derrota eventual da Alemanha ao mesmo tempo que a Linha Maginot e um pequeno núcleo de forças de contra-ataque seguramente deteriam os ataques terrestres alemães, que teria por finalidade quebrar ou romper o cerco estrangulador já estabelecido.

A rápida queda da França sob o tacão da "blitzkrieg" alemã parecia ter pôsto por terra qualquer reivindicação de especialista em assuntos militares, por parte de Liddell Hart. Os alemães chegaram mesmo a atacar através das Ardenas, região que êle, Liddell Hart, afirmava ser completamente desfavorável a operações de grande envergadura. Quando um escritor norte-americano (***) destacou êsses fatos, durante a II Guerra, Liddell Hart retorquiu que os seus pontos de vista, dados a público, sobre a impenetrabilidade das Ardenas, foram uma das formas de que se valera para, cuidadosamente, encobrir suas reais opiniões sobre a situação militar, pois que êle achava que o inimigo poderia obter vantagens, por meio do próprio conhecimento dos fatos que estavam acontecendo ou em virtude das opiniões abalizadas de Liddell Hart.

Deve-se a duas razões principais o fato de que a estrêla de Liddell Hart voltasse a brilhar depois da guerra, de forma tal a trazer aquêles elogios que apareceram na capa de suas "Memórias" e que foram de forma liberal, introduzidos em todo o contexto do livro. Primeira razão: porque, apesar da sua completa e embaraçosa falta de modéstia, Liddell Hart é, verdadeiramente, um estudioso dos assuntos militares e da arte da guerra dispondo de muita perspicácia, alta inteligência e de um poder, muito grande, de aproveitar as lições advindas de seus próprios enganos e bem assim dos de outros. Segunda razão: porque, concentrando-se naqueles aspectos focalizados em seus escritos anteriores à última guerra e que eram de fato procedentes, pôde êle fazer com que muita gente se esquecesse de como estava Liddell Hart errado a respeito de muitos assuntos importantes.

De tudo isso e através de uma comparação de tudo o que se escreveu, os brilhantes sucessos, as falhas e as predições pouco precisas de um Liddell Hart ou de um Churchill, duas lições importantes transparecem do papel desempenhado pelos escritores civis, sobre os assuntos militares.

Se as suas idéias, cheias de imaginação e novidades, contêm qualquer mérito ou lógica, não devem ser ignoradas pelos militares profissionais que detenham qualquer parcela de responsabilidade. Mas êsses

(**) Irving M. Gibson, autor do livro "Os Construtores da moderna Estratégia (Makers of Modern Strategy)", editado por Edward Mead Earle (Impressora da Universidade de Princeton, 1943).

O nome Gibson foi o pseudônimo adotado pelo professor Arpad F. Kovacs, da Universidade de "St. John", de Brooklin, New York.

novos conceitos devem ser encarados com cuidado (e ao mesmo tempo experimentados e testados com confiança e de mente aberta). Como Liddell Hart, com muita razão, afirmou em seu livro, mesmo um Winston Churchill pode cometer enganos e interpretar os fatos de forma irreal.

A segunda lição refere-se aos escritores civis (e acredito poder também incluir os militares reformados que se tornam escritores). Se esses estiverem convencidos de que estão certos, mas, suas idéias foram rejeitadas pelas autoridades competentes e apropriadas, não devem abandonar suas convicções. Pode, muito bem, ser que estejam total ou parcialmente, corretos e aquelas autoridades, por sua vez, total ou parcialmente erradas. Todavia, se tiverem oportunidade de influenciar as decisões das autoridades civis, de alto nível, estarão assumindo uma patriótica responsabilidade, mesmo extra-oficialmente e devem lembrar-se de que se empregam influência para ultrapassar as autoridades que são diretamente responsáveis pelos assuntos sobre os quais escrevem, a sua responsabilidade será ainda maior se, de qualquer forma, estiverem contribuindo para uma derrota ou para baixas humanas ou materiais desnecessários.

Esses especialistas civis devem pensar bem sobre mais um exemplo que Churchill nos deixou. Mesmo quando era êle Primeiro-Ministro, se seus eloqüentes argumentos não eram suficientes para convencerem seus assistentes militares a aceitarem suas numerosas e variadas sugestões, Churchill nunca empregava a sua autoridade funcional e seu fantástico prestígio para desfazer do julgamento profissional das autoridades militares em assuntos de sua especialidade.



G. R. Schmid & Cia. Ltda.

**PAPELARIA — TIPOGRAFIA — MATERIAL
DE DESENHO — MATERIAL DE LIMPEZA**

Rua Teófilo Otoni, 113-3º — Tel. 43-9462

RIO DE JANEIRO